

Trabalho e Projeto de Vida: competência para a quarta revolução industrial

 Klever Corrente Silva*
Olgamir Francisco de Carvalho**

Resumo: O mundo, nos últimos anos, vivencia transformações profundas que emergem da quarta revolução industrial. Iniciada no século XXI e baseada na revolução digital, a revolução em questão é caracterizada pelo desenvolvimento de tecnologias digitais mais sofisticadas e integradas. As mudanças disruptivas, que tais tecnologias trazem para o mundo do trabalho, reconfiguram as ocupações e as competências dos indivíduos. Nesse contexto, é necessário que as pessoas estejam preparadas e tenham compatibilidade entre suas competências e as necessidades do novo paradigma. Portanto, o propósito educacional emergente é preparar os indivíduos para o futuro incerto e que demanda flexibilidade. Diante disso, o objetivo deste artigo é entender a competência de compreensão do mundo do trabalho e de realização de escolhas alinhadas ao projeto de vida levando em consideração o contexto da quarta revolução industrial. Como metodologia, utilizou-se da revisão teórica e da pesquisa documental para atingir os objetivos propostos por este artigo. Evidenciou-se as características da quarta revolução industrial, a relação dialética entre a educação e o trabalho e a importância do trabalho com Projeto de Vida nessa conjuntura. Constatou-se que o desenvolvimento da competência “Trabalho e Projeto de Vida” no ambiente educacional é capaz de habilitar os alunos a avaliarem e enfrentarem as escolhas e decisões compatíveis com o seu projeto de vida.

Palavras-chave: Trabalho. Projeto de Vida. Quarta revolução industrial. Orientação Vocacional e Profissional. Educação.

* Klever Corrente Silva é mestre em Educação pela Universidade de Brasília (2019), especialista em Orientação Profissional e de Carreira pela Faculdade Futura (2019), em Docência do Ensino Superior pelo IESA (2016) e em Gestão Escolar pelo IESA (2015). Bacharel em Administração pela FAJESU (2013), licenciado em Pedagogia pelo IESA (2015) e licenciado em Educação Profissional pelo IFB (2017). Professor de Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: klever.cs@gmail.com.

** Olgamir Francisco de Carvalho é doutora em Educação pela UNICAMP – Campinas, mestre em Educação pela PUC-SP e graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora associada da Universidade de Brasília, onde atua na graduação e na pós-graduação. Lidera o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Trabalho – NEPET. É vice-coordenadora do Núcleo de Estudos Estratégicos do CEAM/UnB e coordenadora do Observatório da Juventude da UnB. Contato: olgamirc@gmail.com.

Introdução

O objeto de estudo específico proposto por este artigo tem como tema central “Trabalho e Projeto de Vida”, enquanto competência para a quarta revolução industrial. Caracterizada pela inteligência artificial, internet das coisas, armazenamento de energia, biotecnologia, veículos autônomos e as mais variadas inovações, a quarta revolução industrial é resultado da expansão da tecnologia nas mais variadas áreas do conhecimento (SCHWAB, 2016).

A nova Revolução tem escala, escopo, velocidade, amplitude e complexidade diferentes de tudo que a humanidade já experimentou, resultando na transformação radical nos processos produtivos e até mesmo na estrutura social (SCHWAB, 2016). As mudanças disruptivas no mundo produtivo reconfiguram as ocupações e as competências. É necessário que os indivíduos aperfeiçoem e atualizem as competências de acordo com as necessidades do novo paradigma social. Isso significa aprender e desenvolver novas habilidades para conseguir outros empregos ou ocupações, pois o mercado de trabalho tende a apresentar novas oportunidades, mas será necessário saber adaptar-se para aproveitá-las.

De acordo com Schwab (2016) são incertos os desdobramentos das mudanças que orbitam o desenvolvimento e adoção de tecnologias emergentes dessa nova Revolução Industrial. Porém, já se pode vislumbrar quais serão as competências fundamentais para conseguir transitar neste mundo com transformações tão velozes. Neste artigo destacaremos a competência de compreensão do mundo do trabalho e de realização de escolhas alinhadas ao projeto de vida.

No contexto de mudanças profundas trazidas pela quarta revolução industrial, é preciso preparar as pessoas para novos trabalhos e para novas competências, a fim de que haja compatibilidade entre as necessidades do novo paradigma e as competências dos indivíduos.

Diante disso, este artigo norteia-se pela seguinte questão: quais as implicações para a educação, no que diz respeito ao trabalho e ao projeto de vida dos estudantes, diante da nova configuração de sociedade engendrada pela quarta revolução industrial?

Como objetivo, este trabalho propõe entender a competência de compreensão do mundo do trabalho e de realização de escolhas alinhadas ao projeto de vida levando em consideração o contexto da quarta revolução industrial. É neste intuito que se propõe realizar uma revisão teórica e uma pesquisa documental, fundamentais para o desvendamento da realidade concreta do tema em estudo.

A quarta revolução industrial

Revolução, de acordo com Schwab (2016) é uma transformação abrupta e radical e historicamente ocorre quando novas tecnologias ou novas formas de perceber o mundo provocam mudanças profundas nas estruturas sociais e nos sistemas econômicos. Schwab (2016) também traça uma linha do tempo e apresenta as principais características das Revoluções Industriais ocorridas na história:

- A primeira revolução industrial, ocorrida aproximadamente entre 1760 e 1840, causada pela invenção da máquina a vapor e construção de ferrovias, deu início à produção mecânica;
- A segunda revolução industrial, iniciou no fim do século XIX e adentrou o século XX, motivada pelo advento da eletricidade e da linha de montagem, viabilizou a produção em massa;
- A terceira revolução industrial, iniciada na década de 1960, é comumente chamada de revolução do computador, pois fora impulsionada pelo desenvolvimento dos semicondutores, da computação e da internet.
- A quarta revolução industrial, com início na virada para século XXI, baseia-se na revolução digital, na qual as tecnologias digitais estão se tornando mais sofisticadas e integradas, a internet é mais ubíqua e móvel, os sensores são menores e mais potentes, o desenvolvimento da inteligência artificial e da aprendizagem automática.

A quarta revolução industrial é caracterizada por novidades tecnológicas que constroem e amplificam umas às outras e que abrangem diferentes áreas, fundindo as tecnologias do mundo físico, digital e biológico: impressão em 3D, Big Data, inteligência artificial, robótica, internet das coisas, armazenamento de energia, computação quântica, biotecnologia, nanotecnologia, veículos autônomos, entre outras inovações (SCHWAB, 2016).

A educação se transforma à medida que a sociedade exige ou à medida que alteramos os paradigmas. A educação deve responder às demandas da quarta revolução industrial. Portanto, o modelo educacional deve considerar a velocidade dos processos de inovação, o dilúvio informacional e a necessidade do desenvolvimento de novas competências continuamente.

Na sociedade contemporânea há uma mudança de paradigma em curso no modo como trabalhamos e nos comunicamos, bem como nas maneiras de nos expressarmos, nos informarmos, nos divertirmos e, conseqüentemente, tal contexto exige mudanças na forma como aprendemos.

Um dos pilares para a Educação nesse novo

paradigma é vincular o que se aprende na escola com os anseios e necessidades dos projetos de vida dos estudantes, conferindo sentido para as suas ações. Dessa forma, torna-se o aprendizado significativo, desperta-se o interesse e prepara-se os jovens para a vida.

A escola é o espaço privilegiado para questionar os jovens sobre o que eles querem ser e, coletivamente, oferecer instrumentos para que eles se desenvolvam, tendo em vista os seus projetos de vida. Nesse sentido, as práticas pedagógicas devem estar imbuídas de intencionalidade e objetividade ao apresentar o propósito e a pretensão das atividades propostas correlacionando-as com o desenvolvimento de competências que serão importantes no desenvolvimento do projeto de vida do estudante.

O ensino padronizado e tradicional parece não mais suprir as necessidades do mundo real. Assim como as instituições educacionais possuem características que atendiam às necessidades dos paradigmas anteriores, acredita-se que na atualidade o propósito educacional seja justamente preparar os indivíduos para o futuro incerto e que demanda flexibilidade. Emerge a necessidade de cidadãos e trabalhadores competentes, dotados de criatividade, autonomia, de serem capazes de analisar situações e resolver problemas à medida que estes aparecem.

A relação dialética entre educação e trabalho

Partindo do pressuposto de que a relação existente entre educação e trabalho é uma relação ontológico-histórica e que essas categorias estão imbricadas, todas as mutações existentes no mundo do trabalho reverberam na educação. Compreender o mundo do trabalho se faz necessário para que se possa compreender o real e responder aos problemas educacionais concretos inerentes à essa realidade. O trabalho impõe mudanças na sociedade e o sistema educacional, por estar ligado ao sistema produtivo, relaciona-se dialeticamente com este buscando atender suas demandas sociais.

Recorrendo a etimologia da palavra trabalho, esta originou-se do latim *tripalium*, tido como um instrumento para rasgar e esfiapar produções agrícolas como trigo e milho e também como um instrumento de tortura conotando-se dor, aflição, padecimento, sofrimento, esforço e fadiga. Aludindo-se também ao significado de trabalho para os escravos e servos, que eram as pessoas que nas sociedades antigas precisavam trabalhar.

Já os gregos tinham o vocábulo *poiesis*, que inicialmente era utilizado com o significado de criação, obra, produção, confecção, fabricação, conotando-se que era uma atividade dignificante pela qual o homem passava por um processo criativo passível de prazer, satisfação e realização. É o reconhecimento, a consciência e

o pertencimento ao mundo produtivo. Além do salário que é a recompensa material e tangível existem aspectos imateriais e intangíveis que estão relacionados ao trabalho como, por exemplo, a satisfação com o que se faz, a autorrealização, as relações interpessoais nele estabelecidas, o bem-estar e a felicidade.

Mesmo no contexto de precarização, é necessário reconhecer o trabalho como a atividade central do homem e que promove a consciência de classe, reforçando a identidade humana enquanto seres que trabalham. O trabalho é a atividade por meio da qual se satisfaz as necessidades da sociedade que precisam ser atendidas. Há uma determinada utilidade e função social na prática laboral.

As transformações advindas da incorporação de novas tecnologias vêm afetando as diversas esferas da vida em sociedade. Existe uma nova lógica para as atividades produtivas e sociais: expande-se o processo de globalização, há mais flexibilidade, demandam-se novas formas de organização, ampliam-se as possibilidades funcionais. O cerne desse novo paradigma técnico-econômico são as tecnologias digitais de informação e comunicação, mas o potencial delas em sua plenitude só pode ocorrer efetivamente se, paralelamente, mudanças sociais e institucionais acontecerem nos sistemas de ensino e de formação (CARVALHO, 2003).

A sociedade pode estar em uma etapa tecnológica, pós-industrial, digital e pós-moderna, com um sistema econômico avançado e, concomitante e contraditoriamente, pode apresentar um sistema educacional atrasado, representativo da etapa tradicional e que necessita ser atualizado para atender as demandas que estão surgindo no mundo do trabalho. A escola precisa desenvolver o seu ofício não apenas para satisfazer as exigências do mercado de trabalho, mas para preparar cidadãos plenos que sejam críticos, competentes, saibam viver autonomamente, construam seus projetos de vida e que, ao inserirem-se no mundo do trabalho, sejam capazes de conhecê-lo e transformá-lo socialmente.

Greenhaus e Callanan (2006) nos ajudam a distinguir o significado socioeconômico de mercado de trabalho e mundo do trabalho, expressões que parecem sinônimas, mas na verdade carregam sentidos distintos. Para eles, mercado de trabalho é o conjunto de atividades ocupacionais e profissionais em dada sociedade em dada época, calcadas sobre as relações de oferta de trabalho (por parte dos empregadores) e procura de trabalho (por parte dos demandantes de trabalho ou trabalhadores). O mundo do trabalho é, portanto, todas as possibilidades de trabalho que são ofertadas pelo mercado formal e constitui-se como uma parte integrante do mundo do trabalho.

Já mundo do trabalho é o conjunto de determinantes e processos sociais que definem, articulam e regulam

tanto as atividades ocupacionais e profissionais, quanto toda e qualquer forma de trabalho (formal e informal, produtivo, improdutivo ou reprodutivo) em dada sociedade em determinada época, dando-lhes forma, significado e legitimação social. É constituído por todas as possibilidades de trabalho oferecidas pelo mercado formal e informal, sendo o mercado de trabalho parte integrante do mundo do trabalho (GREENHAUS; CALLANAN, 2006).

A escola, portanto, presta um serviço mais amplo para a sociedade ao atendê-la formando as pessoas para a vida cidadã e para o trabalho em sua acepção mais ampla. Embora as pessoas, de um modo geral, queiram assumir postos no mercado de trabalho e construir uma carreira, existem outras possibilidades que podem ser consideradas e existem aspectos sobre a oferta e demanda de postos de trabalho que precisam ser desvelados pelas instituições educacionais.

Enquanto no taylorismo-fordismo a concepção era linear, os gestores elaboravam e o trabalhador manual operacionalizava, o toyotismo percebeu que existe uma dimensão intelectual do trabalho que emerge da classe trabalhadora e que é preciso deixar que esse saber floresça e seja apropriado (ANTUNES, 2001). Ou seja, na atualidade, quando se percebe que no ensino está cada vez mais incentivando-se que os indivíduos sejam críticos, autônomos e lidem com problemas, faz-se isso porque o sistema produtivo tem demandado trabalhadores com esse perfil.

Todos os olhares estão postos na educação, que deixou de ser um aspecto marginal da realidade. Ela está no centro do cenário histórico e político, tanto em termos de expectativa da opinião pública quanto em termos de decisão. A educação sempre teve legitimidade moral e política, mas existe atualmente uma oportunidade histórica: a educação ter legitimidade macroeconômica, para se agregar às outras legitimidades. Em um mundo tão pragmático isso tem peso (KLIKSBERG, 1999). A educação tem sido considerada um fator fundamental e estratégico, sem a qual não se pode fazer frente aos desafios postos pelo novo paradigma (CARVALHO, 2003).

O Fórum Econômico Mundial, em 2016, no documento intitulado “O Futuro das Profissões”, afirma que em muitas indústrias e países as ocupações ou especialidades mais demandadas não existiam há dez ou cinco anos e apresenta a estimativa de que 65% das crianças que estão ingressando na educação básica trabalharão em empregos completamente novos e que ainda não existem (WEF, 2016). Na medida em que funções forem extintas, novas serão criadas. Ocorre que já existem, hoje, algumas ocupações que não tiveram espaço dentro da educação formal antes de surgirem.

Em um relatório mais atualizado, o Fórum Econômico

Mundial também sinaliza que embora a onda de avanços tecnológicos da quarta revolução industrial reduza o número de trabalhadores necessários para executarem determinadas tarefas no trabalho, ao mesmo tempo também impulsiona o crescimento de novos negócios relacionados às novas tecnologias, a criação de novos empregos e o aumento dos empregos existentes, desde que se alavanque as competências da força de trabalho ágil e motivada, preparada com as habilidades necessárias para aproveitar as novas oportunidades por meio da aprendizagem contínua (WEF, 2018). Nesse cenário de trabalho em rápida evolução, a capacidade de antecipar-se e preparar-se para os novos desafios é crítica para os indivíduos, a fim de aproveitarem as oportunidades apresentadas pelas tendências.

É desafiador entender a modelagem da nova revolução tecnológica em curso, a quarta revolução industrial, que alterará profundamente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos (SCHWAB, 2016).

Carvalho (2003) afirma que as novas ocupações que vão surgindo tendem a exigir um aumento da qualificação e da competência dos trabalhadores. Há uma crescente exigência intelectual dos trabalhadores, pressupondo-se velocidade de resposta, capacidade de abstração, decisão e, contraditoriamente, uma formação de natureza geral e específica para atendê-la.

A escola é a instituição que realiza o processo de desenvolvimento do estudante, que o prepara para a vida cidadã, para o trabalho e o dá condições para o prosseguimento nos estudos e para a concretização do seu projeto de vida. Portanto, ela é a instituição que precisa responder às necessidades do mundo contemporâneo, orientando os educandos a enfrentarem os desafios do mundo do trabalho.

A escola, entendida como instituição socializadora das novas gerações, assume uma dupla função: preparar os estudantes para o mundo do trabalho e formar o cidadão para a sua participação na vida pública (CARDOSO e LARA, 2009).

Carnoy e Levin (1987, p. 97), em seu estudo sobre o desenvolvimento da Escola nos Estados Unidos, afirmam que “(...) os jovens são preparados para os papéis adultos, bem antes de chegar ao local de trabalho” e ao investigarem a reprodução social, tendo como lócus específico o contexto escolar, nos ajudam a deslindar como a reprodução acontece na escola, estabelecendo relação entre as práticas escolares e a perpetuação social.

A educação pública é tanto um subsídio aos empregadores, quanto um modo dos trabalhadores obterem mobilidade social; treina os jovens para serem bons trabalhadores e bons democratas, reproduzindo uma força de trabalho estruturada por classes, que se ajuste a uma divisão do trabalho historicamente definida, mas também inculcando aspirações relativas à natureza do trabalho numa função democrática (CARNOY; LEVIN, 1987, p. 98).

Os autores expõem a dupla função educativa e a ideologia contraditória, na qual o Estado, por meio da escola, dissemina concomitantemente os valores capitalistas e os democráticos. Trata-se de uma proposta educacional que representa os anseios não apenas da classe dominante como também da classe dominada.

A escola, como instituição reprodutiva, organizou-se de modo coerente com os valores e as normas implícitas nas relações entre capital e trabalho industriais, mas também incorporou aspectos desejados por parte da classe trabalhadora, composta por aqueles que procuravam conseguir mobilidade ascendente para seus filhos (CARNOY; LEVIN, 1987, p. 110).

O Estado ampliou a rede escolar, respondendo às reivindicações da classe média e da classe trabalhadora que buscava a mobilidade social para os seus filhos. A escola tornou-se progressivamente um meio de atingir posições profissionais ou de ingressar na classe trabalhadora (CARNOY; LEVIN, 1987). O sistema de ensino tornou-se um caminho remanescente para a mobilidade e para a estabilidade, pois a educação tornou-se fundamental para a competição por cargos de status mais elevado.

Carnoy e Levin (1987) admitem que embora a educação tenha o seu papel na reprodução das relações capitalistas de produção e da divisão do trabalho por classes, também gera alguma mobilidade social. Mas, também reconhecem que "(...) essa mobilidade sofre ao mesmo tempo sérias restrições do sistema econômico e das práticas escolares" (CARNOY; LEVIN, 1987, p. 130).

Silva (2019), em uma pesquisa realizada com estudantes da 3ª série do ensino médio do Distrito Federal, identificou que os alunos reconhecem a função orientadora e preparatória da escola: esta é vista como uma instituição que ajuda a guiar, a abrir caminhos e a dar oportunidades de vida, também se percebeu que a escola é vista como um local para encaminhar formação para a vida adulta e que as crianças ou adolescentes que não possuem auxílio para a vida ou para a escolha de uma profissão encontra ou deveria encontrar na escola.

Gómez (2015, p. 77) afirma que a nova configuração social requer outra postura do profissional inserido na era digital e que, entre outras características, este precisa ter a "capacidade de viver e atuar autonomamente e construir o próprio projeto de vida". Portanto, das mudanças do mundo do trabalho decorrem problemáticas relativas ao projeto de vida dos estudantes que precisam ser melhor compreendidas. Assim, tem-se um novo paradigma:

A escola não pode pensar endogenamente, com seus estudos desvinculados das práticas sociais e do mundo do trabalho e também não pode pensar a curto prazo, como se a sua atuação não tivesse reverberações futuras. A escola é o local no qual

as pessoas devem ser preparadas para os seus projetos de vida, serem preparadas para serem bem-sucedidas em suas trajetórias pessoais, ocupacionais e profissionais. (SILVA, 2019, p. 31)

Trabalho e Projeto de Vida

O projeto de vida é uma estratégia de reflexão sobre a trajetória escolar na construção das dimensões pessoal, cidadã e profissional do estudante, englobando a formação integral, expressa por valores e pelo desenvolvimento intencional dos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais. Tal estratégia pedagógica objetiva promover o autoconhecimento do estudante e sua dimensão cidadã, de forma a orientar o planejamento da carreira profissional almejada a partir de seus interesses, talentos, desejos e potencialidades, por meio de processos educativos significativos que promovam a autonomia, o comportamento cidadão e o protagonismo na construção de seu projeto de vida (BRASIL, 2018a).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador dos novos modelos curriculares, reitera a importância do desenvolvimento da competência "Trabalho e Projeto de Vida" ao expressá-la como uma competência geral a ser desenvolvida pelos estudantes na Educação Básica:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2017; 2018b).

O projeto de vida constitui-se em atividades informativas e orientadoras que envolvem o autoconhecimento, as relações interpessoais, o mundo do trabalho, as profissões/ocupações, a vida cidadã, o planejamento, os processos de escolha e a aprendizagem ao longo da vida, utilizando-se da aplicação de técnicas de ensino-aprendizagem.

Desenvolver esse tipo de atividade no âmbito escolar é fundamental, pois, auxilia os alunos a se prepararem e saberem lidar com o contexto incerto. Aquelas pessoas ou instituições que não se integram e participam desse processo de transformação social e de suas tendências serão alijadas. Consequentemente, a escola tem a função de compreender como esse processo se dá, de que forma este rebate no contexto educacional e como respondê-lo adequadamente.

O contexto do mundo do trabalho é muito incerto: há uma diminuição do emprego formal, não há clareza entre a divisa entre o real e o virtual, as fronteiras entre as profissões estão mais tênues e muitos encontram dificuldade de se inserir no mundo do trabalho. É um desafio para os sujeitos enxergarem as possibilidades existentes dentro da nova ordem do mundo do trabalho e se preparar para elas.

O projeto de vida é um serviço que ajuda os indivíduos a lidarem com a dualidade sobrevivência/desejo, na medida em que é necessário trabalhar para garantir as condições materiais de existência, mas também se espera que o trabalho seja prazeroso e cheio de significados para quem o exerce (CARVALHO, 2014). Anteriormente, os empregos eram estáveis, com possibilidades de promoção ao longo da sua trajetória profissional, que era bem clara e definida. Já na sociedade atual, globalizada, há a incerteza quanto ao futuro das ocupações e o acirramento da competição que acarreta a flexibilização e precarização do trabalho na qual muitos se subjagam para sobreviverem. Levenfus (2002, p. 58) afirma que "(...) o homem trabalha para viver, mas, ao mesmo tempo, pode obter prazer das atividades produtivas. Independente do grau de riqueza e educação, o trabalho ocupa grande parte do tempo de vigília do ser humano".

O desenvolvimento da competência "Trabalho e Projeto de Vida" é capaz de ajudar os indivíduos a analisarem os determinantes econômicos, políticos, sociais, educacionais, culturais de suas escolhas e decisões e, a partir desse contexto socioeconômico-cultural, examinar a sua situação e construir o seu projeto de vida, sem esquecer que existe uma distância entre o estímulo e a escolha das possibilidades de concretização, portanto, agrega-se o autoconhecimento e o conhecimento da realidade (CARVALHO, 2014).

O autoconhecimento é importante no processo de escolha profissional, pois a formulação da identidade ocupacional de um indivíduo está intimamente relacionada com a formulação da identidade pessoal (BOHOSLAVSKY, 2015). É relevante levar os alunos a refletirem sobre as consequências do seu engajamento em qualquer atividade, para eles mesmos e para a sociedade. A escola pode, ao passo que ajuda a pessoa a se desenvolver enquanto pessoa e cidadão, ajudar a construir uma identidade vocacional e profissional articulada à identidade integral do indivíduo e com o papel social que pode vir a desempenhar. E auxiliar os educandos a produzirem sentido à existência humana por meio do tripé – trabalho, sociedade e cultura (CARVALHO, 2014).

Grande parte dos indivíduos termina a educação básica na adolescência. A adolescência constitui-se em uma fase de rupturas, transições e elaboração de perdas (BOHOSLAVSKY, 2015). Os sujeitos nesse período, em geral, estão em crise e ainda lhes é requerida a escolha de um dos papéis importantes que o indivíduo deve assumir ao longo da vida, que é a sua ocupação.

Embora muitas vezes os conflitos relacionais ainda não estejam bem-resolvidos, a imagem de si mesmo e de seus ideais ainda estejam mal articulados, os desejos dos pais e as possibilidades escolares mal elaborados. É nesse momento que a escolha profissional deve ser feita (SOARES-LUCHIARI, 1997 *apud* LEVENFUS, 2002, p. 55).

O projeto de vida não é sinônimo de escolha profissional, tampouco está dissociado desta. A escolha profissional consiste no "(...) fenômeno humano específico, qual seja, a definição ou redefinição profissional de sujeitos com todos os conflitos inerentes a esta situação" (EHRlich, CASTRO E SOARES, 2000, p. 63). Essa escolha é permeada por antíteses de "(...) quem se é e quem não se é; quem se quer ser e quem não se quer ser; quem se crê que deva ser e quem se crê que não deva ser; quem se pode ser e quem não se pode ser; quem se permite ser e quem não se permite ser" (BOHOSLAVSKY, 2015, p. 42). E é dessas antíteses que surge, ou não, uma síntese, uma identificação.

Ehrlich, Castro e Soares (2000, p. 75) afirmam que "(...) escolher uma profissão (...) não é escolher somente um fazer, mas sim um ser, e é exatamente por isso que o sujeito experimenta a angústia". Ou seja, na tarefa de escolha da profissão ocorre também a própria definição do sujeito envolvido, e dos outros que são implicados pela sua decisão. Portanto, é necessário que as escolhas profissionais sejam compreendidas considerando também o sentido das escolhas para uma pessoa, o para que e o porquê delas, considerando o seu projeto de vida.

Além do contexto de incertezas característico da sociedade contemporânea, muitos alunos não compreendem o processo, as determinantes e as implicações do ato da escolha e ingresso em uma atividade profissional. Muitos estudantes apresentam percursos com escolhas questionáveis, como evidencia o estudo realizado por Zago (2006), que aponta para os altos índices de evasão universitária, a troca de cursos e a auto exclusão do acesso à universidade pública.

Muitos jovens são influenciados pelas escolhas de outrem, seguem os passos de algum referencial, geralmente de alguém da família ou optam por um determinado itinerário profissional simplesmente por gostarem. Outro aspecto que precisa ser ressaltado é que o inatismo e a crença em aptidões e faculdades imanentes fazem crer que o indivíduo tem uma ocupação adequada na sociedade, entretanto, é do sentido, da intencionalidade e da motivação para o trabalho que decorre o processo de escolha.

Em contraposição às teorias que apontam que os sujeitos possuem tendências inatas, pré-determinadas e vocações anteriores, acredita-se, como Bohoslavsky (2015) que o homem não é um objeto, mas um sujeito que escolhe. O seu futuro depende dele e o que há de início são condições para a possibilidade de desenvolvimento vocacional e profissional. Não há nada de congênito ou pré-determinado no que tange a vocação e profissão, e é neste sentido que a existência antecede a essência de cada indivíduo.

Como o mundo do trabalho exige cada vez mais sujeitos seguros e estruturados, é necessário que estes sejam orientados para realizarem as suas escolhas de modo pessoal, consciente e autônomo. A escolha precisa ser madura

e ajustada e, por ser socialmente produzida, tem que estar referida às condições concretas (CARVALHO, 2014). É indispensável refletir sobre os fatores que influenciam a escolha profissional, traduzida pela existência concreta e as relações em que o sujeito está inserido: as ações, os desejos, as exigências e as possibilidades reais de uma situação concreta (EHRlich, CASTRO E SOARES, 2000, p. 74).

Escolher um itinerário profissional envolve um custo de oportunidade, que é a totalidade de renúncias em relação a uma escolha realizada. Os estudantes precisam ser preparados a enfrentarem as situações de reorientação da carreira, pois, diante do contexto incerto, pressupõe-se a existência de conflitos, arrependimentos, o direito ao erro e da necessidade de trocas e redefinições, que muitas vezes se constitui em um processo árduo para o indivíduo e caro para ele, para a família e/ou para o Estado, em se tratando de evasão de cursos superiores públicos.

Considerações finais

Este artigo se propôs a entender a competência de compreensão do mundo do trabalho e de realização de escolhas alinhadas ao projeto de vida, levando em

consideração o contexto da quarta revolução industrial. Através da revisão teórica e pesquisa documental foi possível evidenciar que as mudanças profundas trazidas pela quarta revolução industrial - como a reconfiguração das ocupações e competências dos indivíduos - precisam estar acompanhadas de um propósito educativo de preparar os indivíduos para a incerteza do futuro, para a flexibilidade e para a tomada de decisões assertivas.

A compreensão do mundo do trabalho e o trabalho com projeto de vida no ambiente educacional é capaz de habilitar os alunos a avaliarem e enfrentarem as escolhas e decisões compatíveis com o seu projeto de vida. Esse serviço pode auxiliá-los a compreender o processo de escolha em relação à inserção social, aos tipos de trabalhos e ocupações existentes ou emergentes. Explorar as diversas possibilidades pode ampliar o leque de oportunidades reais dos indivíduos, que muitas vezes esperam apenas a oferta do mercado de trabalho, mas que podem participar do mundo do trabalho de formas alternativas como, por exemplo, através da economia solidária e do empreendedorismo. ■

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo. 5ª ed., 2001.
- BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional**: a estratégia clínica. 13.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104101-rcp004-18/file>>. Acesso em 6 de abril de 2019.
- _____. **Resolução CNE/CEB nº 3, de 21 de novembro de 2018**. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília 2018a. Disponível em: <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51281622>. Acesso em 6 de abril de 2019.
- _____. **Resolução CNE/CP nº 4, de 17 de dezembro de 2018**. Institui a Base Nacional Comum Curricular na Etapa do Ensino Médio [...]. Brasília, 2018b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104101-rcp004-18/file>>. Acesso em 6 de abril de 2019.
- CARDOSO, M A.; LARA, A. M. B. **Sobre as funções sociais da escola**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCE-RE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, 2009. Disponível em: <<http://professor.pucgoias.edu.br/Site-Docente/admin/arquivosUpload/5146/material/Sobre%20as%20fun%C3%A7%C3%B5es%20sociais%20da%20escola.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2019.
- CARNOY, Martin; LEVIN, Henry M. **Escola e Trabalho no Estado capitalista**. São Paulo, Cortez & Associados, 1987.
- CARVALHO, Olgamir Francisco de. **Educação e formação profissional – trabalho e tempo livre**. Brasília: Plano Editora, 2003.
- _____. Desafios atuais da escolha e decisão vocacional/profissional: um olhar pedagógico sobre a questão. **Trabalho & Educação** (UFMG), v. 23, p. 93-107, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9280/6664>>. Acesso em: 04 de novembro de 2017.
- EHRlich, I. F.; CASTRO, F.; SOARES, D. H. P. Orientação Profissional: liberdade e determinantes da escolha profissional. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n. 28, p. 61-79, out. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/24001/21477>>. Acesso em: 04 de novembro de 2017.

- GÓMEZ, Ángel I. Pérez. **Educação na era digital**: A Escola Educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.
- GREENHAUS, J. H.; CALLANAN, G. A. **Encyclopedia of career development**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2006.
- KLIKSBURG, Bernardo. A situação social da América Latina e seus impactos sobre a família e a educação: questionamentos e buscas. **Revista Paranaense de Desenvolvimento - RPD**, Curitiba, n. 96. P. 3-32, mai/ago. 1999. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/264>>. Acesso em: 13 Abr. 2018.
- LEVENFUS, Rosane Schotgues. Geração Zapping e o Sujeito da Orientação Vocacional. In: LEVENFUS, Rosane Schotgues; SOARES, Dulce Helena Penna. (Orgs) **Orientação Vocacional Ocupacional**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 33-50.
- SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.
- SILVA, Klever Corrente. **Educação para a Carreira e Projeto de Vida**: confluência das representações sociais e do habitus estudantil. 2019. 112 f. il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/35609>>. Acesso em: 21 out. 2019.
- WORLD ECONOMIC FORUM – WEF. **Future of Jobs**: Employment, Skills and Workforce Strategy for the Fourth Industrial Revolution. 2016. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.
- _____. **The Future of Jobs Report**. 2018. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2018.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.
- ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, 2006, v.11, n. 32, p. 226-237. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>>. Acesso em: 06 de novembro de 2017.